



10º Simposio de Ensino de Graduação

A ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA NA PARALISIA CEREBRAL: A BRINCADEIRA COMO INSTÂNCIA SIMBÓLICA SIGNIFICATIVA

Autor(es)

LUISA MIRANDA JORGE

Co-Autor(es)

ANA PAULA DE FREITAS

Orientador(es)

REGINALICE CERA DA SILVA

1. Introdução

O termo Paralisia Cerebral (PC) refere-se a diferentes distúrbios sensório-motores, adquiridos em decorrência de uma lesão estática, ocorrida no período pré, peri ou pós-natal que afeta o tônus muscular, a postura e a movimentação voluntária. Estas condições determinam o atraso do desenvolvimento global da criança, da linguagem inclusive, que estará atravessado por questões relacionadas aos déficits e estigmas provenientes da própria condição de PC. Vigotski, pensador russo, em sua tese central sobre a gênese social do desenvolvimento discute a linguagem a partir das relações sociais e das funções psicológicas superiores. O autor utiliza o termo “função psicológica superior” para se referir à “combinação entre instrumento e signo na atividade psicológica” (VIGOTSKI, 1991, p. 63), em que se busca uma compreensão do papel do signo como tendo uma função mediadora. O autor concebe o homem como um sujeito histórico e produto de um conjunto de relações sociais. Para ele, a linguagem é considerada uma função mental tipicamente humana e é a partir das relações que os homens estabelecem entre si por meio de uma atividade signica, portanto, por meio da mediação da linguagem, que ocorrem os processos de desenvolvimento e aprendizagem. É por meio da linguagem que o homem se comunica e vai se constituindo em suas interações. Na perspectiva histórico-cultural o signo é um instrumento psicológico utilizado pelo homem para comunicar-se, significar as vivências, categorizar e analisar as coisas do mundo. Vigotski (1995) também estudou o desenvolvimento humano e dedicou atenção especial ao desenvolvimento de pessoas com deficiência e suas possibilidades. Ele argumenta que as leis gerais do desenvolvimento são iguais para todas as crianças, porém, ressalta que há peculiaridades na organização sociopsicológica da criança com deficiência, inclusive aquela que apresenta Paralisia Cerebral, e que seu desenvolvimento requer caminhos alternativos e recursos especiais. Em seus estudos sobre a história do desenvolvimento da linguagem escrita, Vigotski destaca a importância de compreender como ocorre a apropriação da escrita pela criança, já que esta acontece de maneira descontínua sendo difícil o entendimento de tal processo. Portanto, a compreensão da pré-história da linguagem escrita dará os primeiros indícios do desenvolvimento da futura escrita. Para o autor, o desenvolvimento da linguagem escrita perpassa pelos signos visuais que são os gestos e as atividades simbólicas de segunda ordem, como a brincadeira de faz-de-conta e o desenho, sendo a escrita também uma representação de segunda ordem. A brincadeira de faz-de-conta é considerada atividade simbólica de segunda ordem, pois o brinquedo funcionará como representativo de outros objetos. É a partir dos gestos simbólicos que o objeto terá significado por meio da função do signo, assim, o brinquedo simbólico, por meio dos gestos, comunica e indica os significados dos objetos utilizados na brincadeira que é comparado pelo autor como a escrita de objetos. Outros autores também estudaram o processo de significação da brincadeira e dos desenhos para o desenvolvimento de crianças com deficiências - Surdez,

Síndrome de Down e Autismo - enfocando a importância do Outro dentro deste processo (CASTRO, 2010; SOUZA E SILVA, 2010; ARAÚJO E LACERDA, 2008 e 2010; CORREIA E MEIRA, 2008). Há poucos estudos recentes que focalizam a atuação da terapia fonoaudiológica, voltada à linguagem e à brincadeira, de crianças com Paralisia Cerebral. A maioria dos estudos, nesta área, com relação a esses sujeitos, se refere às questões sensório-motoras, articulatórias e principalmente de deglutição. O presente estudo focaliza a prática fonoaudiológica com uma criança com atraso no desenvolvimento de linguagem a partir de uma perspectiva em que o profissional leva em consideração a participação intencional do outro no processo de construção da linguagem. Refletir sobre a atuação profissional se faz necessário para contribuir com práticas fonoaudiológicas mais efetivas. Segundo Massi (2001, p.113), “o fonoaudiólogo precisa considerar que métodos pré-fixados anulam as possibilidades de construir uma relação intersubjetiva, na qual há espaço para que os participantes da prática clínica troquem experiências e exercitem a atividade da linguagem”.

2. Objetivos

Identificar as possibilidades de desenvolvimento de linguagem de uma criança que apresenta encefalopatia crônica infantil – Paralisia Cerebral – no contexto da clínica fonoaudiológica, a partir da brincadeira, uma das esferas simbólicas da linguagem.

3. Desenvolvimento

Optou-se pela análise dos processos e pelo estudo da origem dinâmico-causal, caracterizando como pesquisa explicativa. O sujeito é SA, sexo feminino, 6 anos de idade e apresenta atraso no desenvolvimento neuropsicomotor em decorrência do diagnóstico de Encefalopatia Crônica Infantil (Paralisia Cerebral). Ela se comunicava por gestos, realizava algumas onomatopéias e produzia algumas palavras, demonstrando boa compreensão na realização de ordens e perguntas simples sempre dentro do contexto. Apresentava dificuldades em manusear objetos com a mão esquerda em decorrência da lesão no hemisfério direito do cérebro. O trabalho de campo ocorreu em uma Clínica Escola de Fonoaudiologia por meio de filmagens semanais dos atendimentos fonoaudiológicos. A clínica pertence a uma instituição privada de ensino superior e presta serviços à sociedade por meio de atendimentos à população feitos pelas estagiárias do curso de Fonoaudiologia e com orientação dos professores docentes. Os dados foram transcritos em ortografia regular e foram selecionados dois episódios que focalizam os modos de interação entre a criança e a estagiária, com vistas para as relações terapêuticas significativas durante a brincadeira de faz-de-conta.

4. Resultado e Discussão

A estagiária utiliza algumas estratégias durante os episódios, como mudança de entonação vocal, fala pausada, uso de onomatopéias, chama a atenção da criança tocando seu corpo e faz indagações sobre as experiências relacionadas à brincadeira (cotidiano do sujeito). SA realiza gestos com sentido, além disso, a estagiária consegue dar continuidade às relações dialógicas ocorridas durante o faz-de-conta. Durante os episódios, a estagiária dá sentido às ações de SA e, portanto, se mantém na relação dialógica. Segundo Santana et al (2008) mesmo quando ainda não há apropriação de uma língua, os gestos são apoio para que o sujeito consiga realizar ações significativas. Nesta situação, o gesto funcionou como mediação durante a brincadeira, assim para as autoras durante a aquisição dos gestos este possui uma função social e mesmo após adquirir a língua estes não desaparecem completamente. Alguns autores, demonstram em estudo sobre o brincar em ambiente hospitalar, da criança com paralisia cerebral, que as relações dialógicas foram estabelecidas somente “a partir da valorização de gestos, vocalizações e outros movimentos espontâneos e criativos” (SOUZA E MITRE, 2009, p. 200). Sendo que normalmente estes não eram levados em consideração pelos profissionais que atendiam tais sujeitos. Desta forma, os autores concluíram que o brincar viabilizou uma mudança no olhar dos profissionais da área da saúde quanto às possibilidades de desenvolvimento e comunicação dessas crianças, além de potencializar uma efetiva melhora da saúde geral dos sujeitos. Foi observado que a estagiária tenta significar e mediar as ações de SA, entretanto, nem sempre tal fato se torna possível. SA demonstra por meio de gestos, sorrisos e vocalizações iniciação enunciativa dentro da brincadeira. Inicialmente, no primeiro episódio, SA somente manipulou os objetos, entretanto, no segundo episódio demonstra por meio de imitação dos gestos da estagiária que já entende os papéis dentro de um diálogo. Desta forma, Castro (2010, p.82) destaca que “a brincadeira de faz-de-conta configurou-se como uma situação extremamente favorável, (...) por possibilitar vivências interativo-linguísticas ricas e construtivas”. A brincadeira

é uma das esferas simbólicas citadas por Vigotski (1991), para o autor estas atividades simbólicas juntamente com gestos irão assegurar o desenvolvimento da linguagem do sujeito. Entretanto, é necessária a mediação do Outro para significação e contextualização das ações realizadas pelo sujeito, por isso a atividade interpretativa da estagiária durante a sessão é de extrema importância para que tal desenvolvimento ocorra. Para Telles (2008), durante o processo terapêutico, deve ser ressaltado um olhar subjetivo para cada caso, ou seja, para as necessidades que cada sujeito possui para o seu desenvolvimento global. Segundo Massi (2001), a intersubjetividade é deixada de lado pelo fonoaudiólogo ao se prender a métodos terapêuticos pré-estabelecidos. A brincadeira, durante a terapia, esteve sempre contextualizada por meio de histórias infantis e/ou acontecimentos do dia-a-dia. SA demonstrou que a mediação do Outro durante a atividade ainda é necessária para que consiga vivenciar um mundo imaginário e significar algumas ações. Entretanto, em diversos momentos o sujeito realiza onomatopeias e gestos espontâneos durante o faz-de-conta. Conclui-se que SA está desenvolvendo suas capacidades de representação e que tais atividades são indícios do processo de desenvolvimento da linguagem deste sujeito. Além do desenvolvimento de SA, tais situações demonstram a evolução das situações interativas entre a paciente e a estagiária. Vale ressaltar ainda que, as esferas simbólicas devem ser mais exploradas nas terapias Fonoaudiológicas, já que o atendimento que focaliza tais esferas pode proporcionar práticas clínicas mais significativas.

5. Considerações Finais

O terapeuta deve proporcionar ao sujeito valorização de suas capacidades durante significação e ressignificação de suas ações, gestos e fala. Foi notada a possibilidade de relações dialógicas por meio da significação e atribuição de sentido da estagiária e embasadas por atividades simbólicas significativas. A criança demonstra ser capaz de imitar gestos da estagiária durante brincadeira e possuem trocas dialógicas em diversos momentos desta atividade por meio dos gestos, olhares e ressignificação das ações da criança. Assim, pode-se concluir que por meio de tais atividades houve envolvimento e interação entre estagiária-sujeito, mesmo que em alguns momentos as ações e gestos não podiam ser significadas pela estagiária, esta esteve atenta em atribuir sentido durante as atividades. Faz-se necessário o aprofundamento do estudo com vistas às possibilidades de desenvolvimento de crianças que apresentam Paralisia Cerebral, já que foram encontrados poucos estudos que fazem referência a este tema.

Referências Bibliográficas

ARAUJO, Cláudia Campos Machado; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Examinando o desenho infantil como recurso terapêutico para o desenvolvimento de linguagem de crianças surdas. **Rev. soc. bras. fonoaudiol.**, São Paulo, v. 13, n. 2, jun. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-80342008000200014>. Acesso em: 04 nov. 2011.

ARAUJO, Cláudia Campos Machado; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Linguagem e desenho no desenvolvimento da criança surda: implicações histórico-culturais. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 15, n. 4, dez. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722010000400005>. Acesso em: 04 nov. 2011.

CASTRO, Glenda Saccomano. **O processo de interação comunicativa de duas crianças com Síndrome de Down e comportamentos autísticos**. 2010. 95 f. Campinas. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências Médicas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

CORREIA, Mônica F. B.; MEIRA, Luciano R. L.. Explorações acerca da construção de significados na brincadeira infantil. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722008000300003>. Acesso em: 04 nov. 2011.

MASSI, Giselle Aparecida de Ataíde. **Linguagem e paralisia cerebral: Um estudo de caso do desenvolvimento da narrativa**. Curitiba: Editora Maio, 2001.

SANTANA, Ana Paula; GUARINELLO, Ana Cristina; BERBERIAN, Ana Paula; MASSI, Giselle. O estatuto simbólico dos gestos no contexto da surdez. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 13, n. 2, jun. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000200012>. Acesso em: 04 nov. 2011.

SOUZA, Bianca Lopes de; MITRE, Rosa Maria de Araújo. O brincar na hospitalização de crianças com paralisia cerebral. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 25, n. 2, jun. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722009000200007>. Acesso em: 04 nov. 2011.

SOUZA, Flavia Faissal de; SILVA, Daniele Nunes Henrique da. O corpo que brinca: recursos simbólicos na brincadeira de crianças surdas. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 15, n. 4, dez. 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722010000400006>. Acesso em: 04 nov. 2011.

TELLES, Ana Luiza Ferreira. **Estudo de caso de Paralisia Cerebral: o desenvolvimento da linguagem na Clínica Fonoaudiológica**. 2008. 35 f. Piracicaba. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Fonoaudiologia) - Faculdade de Ciências da Saúde. Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2008.

VYGOTSKY, Lev. Semynovytch. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____ **Obras Completas: Fundamentos de Defectologia**. Cuba: Pueblo Y Educación, 1995.

Anexos

| Episódio II | | | | |
|---------------|------------------|--|--|---|
| N. das linhas | Sigla do locutor | Transcrição | Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal | Observações sobre as condições de produção do enunciado não verbal |
| 100 | IJ | Vamos colocar aqui todos os ingredientes. Ô, tô batendo o bolo SA. | Tom afirmativo | Manipula a bateadeira. |
| 101 | SA | | | Olha para a bateadeira e sorri. |
| 102 | IJ | Liguei a bateadeira. Terê: | Tom afirmativo | Realiza gestos para ligar a bateadeira e faz onomatopeias do batiho do eletrodoméstico. |
| 103 | SA | | | Tenta pegar um prato que estava ao lado da bateadeira. |
| 104 | IJ | Vamos colocar o bolo assar? | Tom interrogativo | Chama a atenção de SA e entrega uma assadeira. |
| 105 | SA | | | Puxa a porta do forno. |
| 106 | IJ | Coloca o bolo para assar. | Tom afirmativo | Coloca a assadeira dentro. |
| 107 | SA | | | Empurra o biniquedo para dentro do forno. |
| 108 | IJ | Aê. Vamos deixar! Deixa um tempinho. | Tom exclamativo | Fecha a porta do forno. |
| 109 | SA | | | Ajuda a fechar a porta e dá um sorriso. |
| 110 | IJ | Será que já está bom? Liga aí. | Tom interrogativo / afirmativo | Olha para SA. |
| 111 | SA | | | Mexi nos botões do fogão. |
| 112 | IJ | Ligou? | Tom interrogativo | Segura na porta para que SA esperasse um pouco. |
| 113 | SA | | | Puxa o fogão. |
| 114 | IJ | Será que já está bom esse bolo? Tira aí pra gente vê. | Tom interrogativo / afirmativo | Olha para o fogão. |
| 115 | SA | | | Retira a assadeira e coloca em cima da mesa. |

Episódio I

| N. das linhas | Sigla do locutor | Transcrição | Observações sobre as condições de produção do enunciado verbal | Observações sobre as condições de produção do enunciado não verbal |
|---------------|------------------|--|--|--|
| 47 | lj | Eu trouxe um coelhinho. Olha que lindo o coelhinho. Olha as comidinhas do coelhinho | Tom afirmativo | Coloca um coelho de pelúcia em cima da mesa e algumas frutas e verduras de brinquedo (banana, laranja, uva, alface e cenoura). |
| 48 | SA | | | Olha para os brinquedos, pega duas folhas de alface e as manuseia. O brinquedo possui uma espécie de velcro. |
| 49 | lj | O coelhinho come alface? Olha a cenoura | Tom interrogativo / afirmativo | Mostra a cenoura |
| 50 | SA | | | Olha, mas permanece mexendo na alface |
| 51 | lj | Você sabe aquela música do coelho? 'De olhos vermelhos, de pelo branquinho, eu sou o coelhinho.' | Tom interrogativo / afirmativo | Canta enquanto pega mais dois coelhos |
| 52 | SA | | | Olha em direção a lj |
| 53 | lj | 'Comi uma cenoura com casca e tudo.' Olha a cenoura. Bem tarançona, igual ao coelhinho. | Tom exclamativo | volta a sentar-se a mesa, mostra a cenoura. |
| 54 | SA | | | Pega a cenoura |
| 56 | lj | 'Tão grande ela era, figuei banguido.' | Tom exclamativo | Coloca a mão na barriga de SA. |
| 57 | SA | | | Coloca a cenoura na boca do coelho que estava com lj |
| 58 | lj | 'Eu pulo pra frente, eu pulo pra trás. Doumil cambalhotas.' | Tom exclamativo | Realiza gestos da música com o coelho |
| 59 | SA | | | Olha para lj |
| 60 | lj | Of. 'Sou forte demais.' | Tom exclamativo | Faz gestos com os braços, como se exibisse os músculos. |
| 61 | SA | | | Pega a cenoura |
| 62 | lj | 'Comi uma cenoura? Cadê a cenoura?' | Tom exclamativo / interrogativo | Olha para SA, pega a cenoura da mão dela e a mostra. |
| 63 | SA | | | Olha para o coelho e tenta pegar a cenoura. |
| 64 | lj | 'Com casca e tudo. Tão grande ela era.' Só que essa é pequeninha né?' | Tom exclamativo / interrogativo | Coloca a verdura na boca do coelho |
| 65 | SA | | | Pega a capa da história infantil. |